

Comunicação: saber, arte ou ciência? Questões de teoria e epistemologia.

KUNSCH, DIMAS A.; BARROS, LAAN MENDES DE (ORGS.).
SÃO PAULO: PLÉIADE, 2008. 199 p.

Pensar o pensamento comunicacional: ponderações para trabalhar o “real construído” no campo da comunicação

por Marcia Perencin Tondato¹

Não raro, encontros acadêmicos, seminários, palestras são filmados e/ou gravados. Mas com que propósito? Quem tem acesso a esses registros? O que é feito a partir disso?

Comunicação: saber, arte ou ciência? Questões de teoria e epistemologia é resultado do registro do seminário “Comunicação: saber, arte ou ciência?”, promovido pelo grupo de pesquisa “Comunicação, recepção e identidade” do Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, realizado por ocasião da comemoração dos 60 anos da faculdade. O eixo do debate, delineado no título, é o avanço da fase de “crise” para a etapa de discussões e reflexões acerca da epistemologia da comunicação, entendida como o próprio pensamento comunicacional, conforme definido na Apresentação, indo além do “pensar o fazer no campo da comunicação”.

¹ Professora do Programa de Mestrado Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM.

Um seminário é mais rico à medida que tenha uma diversidade de “lugares de partida”, tomando uma expressão de Martín-Barbero, e nesse seminário temos lugares de partida que abrem possibilidades de caminhos diversificados para a pesquisa em comunicação. Fundamentados em suas trajetórias teóricas e práticas acadêmicas, os palestrantes: Luiz C. Martino, Lucrecia D’Aléssio Ferrara e Cremilda Medina são unidos pela divergência, como apontado por Luiz Martino (p. 9), que concorda com Lucrécia quando diz que “mais vale a boa interrogação que a tentativa de se colocar um ponto final na discussão”.

O livro está organizado em duas partes, a primeira consistindo das explicações dos palestrantes e o debate subsequente, e a segunda, uma exposição dos princípios dos novos grupos de pesquisa, elaborada por seus líderes: Laan Mendes de Barros, José Eugênio de O. Menezes e Dimas A. Kunsch.

Um primeiro aspecto a ser salientado é o formato dos textos. Uma edição cuidadosa manteve o tom coloquial das exposições e diálogos, inovação mais que bem-vinda já que o resultado é uma exposição de ideias em uma linguagem objetiva, de fácil acesso aos estudantes de graduação, mas permeado por intrigantes propostas de debate teórico e epistemológico, que despertam o interesse dos acadêmicos mais experientes.

Uma contribuição importante são as referências feitas pelos palestrantes a autores diversos dos campos interlocutores da Comunicação, um acréscimo para quem assistiu ao seminário, que pode, então, contar com o registro impresso. As referências teóricas e conceituais são apresentadas nas notas de rodapé, liberando o texto principal para a apresentação mais fluida, ao mesmo tempo que fornece as bases bibliográficas para o leitor interessado no aprofundamento do assunto.

Tal registro, como apontado na Apresentação (p. 8), deve servir não só para os fins primários do seminário, específico do grupo organizador, mas também a constituir uma fonte de referência para futuras propostas, para outros grupos em processos semelhantes, ou mesmo, no contexto da formação em graduação, como exemplo da “ciência em curso”.

Um dos assuntos explorados nos textos parte de uma indagação recorrente nos anos de formação na graduação, cada vez mais orientada

para o saber instrumental: “Para que serve o conhecimento das teorias da comunicação?”, pergunta mais que oportuna uma vez que parte do público do seminário era composto por alunos de graduação. Apresentada a partir das trajetórias de ensino e pesquisa dos palestrantes, as considerações sobre isso salientam a importância de pensar o pensamento comunicacional, à parte as avaliações – certo X errado, bom X ruim, com ênfase na utilização da teoria na reformulação de problemas, no entendimento do real para além do senso comum.

No primeiro texto, de forma muito didática, Luiz C. Martino, professor de Teorias da Comunicação, faz um passo a passo sobre o conhecimento científico. Refletindo sobre a construção do campo da comunicação, Luiz Martino abre espaço para um debate acalorado, tanto por parte dos outros palestrantes como por questionamentos dos estudantes presentes: diz haver uma certa lacuna de pesquisa, o que ele usa como argumento para usar o termo “ficção científica” ao se referir a alguns estudos do campo. Fala isso em um contexto de discussão sobre a interdisciplinaridade, enfatizando que a ciência começa quando é feito uso de pesquisa para melhor conhecer os fenômenos da comunicação, ainda que as teorias para análise sejam emprestadas. Baseado em pesquisas de campo sobre publicações em diversos idiomas sobre teorias da comunicação, Martino conclui que não existe uma linha de pensamento que seja comum a todas as obras de teorias, o que credita a uma falta de reflexão epistemológica sobre quais seriam os critérios de uma teoria da comunicação.

Lucrecia D’Aléssio Ferrara concorda sobre a complexidade de se falar sobre epistemologia, especialmente para públicos fora “dos territórios especialmente consagrados para este fim” (p. 35), e mesmo nestes, o interesse despertado é restrito, visto o número de textos propostos para grupos de pesquisa sobre o tema nos congressos da área. Tendo em vista que os palestrantes tiveram acesso anterior aos textos abordados, como sói em um seminário, a professora Lucrecia fala do valor do texto de Luiz Martino como um levantamento das tendências, da história da epistemologia da comunicação. Em seu comentário faz uma síntese, categorizando a análise de Martino, complementando a fala deste. A partir disso,

levanta o que acredita ser a real questão do seminário: “Qual o objeto dos estudos de comunicação?” e apresenta questões que posteriormente vão alimentar o debate.

Na seção “Conversa com os autores”, é apresentado o diálogo com a plateia que seguiu a fala dos palestrantes. Essa parte do livro é a mais rica, graças ao ineditismo da iniciativa de registro do evento. Na maioria dos eventos acadêmicos, e não são poucos, o espaço para debate ou é subdimensionado para a importância dos assuntos, ou fica restrito aos anais do evento, com acesso apenas aos participantes, pouco contribuindo para o avanço das discussões macro. Mesmo que as respostas sigam paralelas às perguntas, sem respondê-las completamente, e às vezes, nem parcialmente, o que conta é a exposição de formas de pensar o tema, no caso, o objeto de estudo da comunicação. O resultado é um texto rico e provocativo, ideal para abrir perspectivas de estudos e utilização em grupos de estudo, com alunos pós-graduandos, por exemplo.

Do debate participam alunos de graduação, o que força os palestrantes a explicitarem suas observações. E nessa explicitação oferecem aos presentes, e aos leitores desta publicação, o contraponto, o que em uma sala de aula de graduação muitas vezes fica restrito pela urgência dos alunos em receber explicações e modelos fechados, conclusivos.

Na sua segunda fala, Luiz Martino discute o ceticismo quanto às teorias da comunicação. Muitas ou poucas? Começa pela questão do que seja a epistemologia e quando esta teria começado, no âmbito do conhecimento como um todo. Após levantar questões sobre como tratar as disciplinas de tipo científico, discorre sobre os aspectos: epistemologia, filosofia das ciências, gnosiologia, o que faz, novamente, de forma bem didática, com exemplos do cotidiano próximo do público do seminário.

Martino convida para o exercício da crítica e da vigilância epistemológica teóricos, pesquisadores ou mesmo profissionais do campo da comunicação. Traz para a mesa o autor Ernest Cassirer, que vê a ciência do ponto de vista da cultura, diferentemente de Kuhn, abrindo novas perspectivas de compreensão. Neste aspecto, fala sobre a necessidade de a ciência ser produto de uma atitude diante da produção de conhecimento e suas implicações, e não ser apenas um “fazer”. Martino polemiza

za as publicações existentes sobre as teorias da comunicação e propõe a “atualidade” como problema amplo da comunicação.

Cremilda Medina trata do tema “Epistemologia, práticas e saberes plurais” a partir do relato de sua trajetória de formação. Medina nos leva a pensar sobre o que foi feito da educação e formação no Brasil, para ela questão basilar, já que muitos dos questionamentos e polêmicas têm origem justamente no “uso” que se faz hoje das teorias e na forma como “comunicação” é ensinada na graduação. Enfatiza a necessidade de se trabalhar em laboratório para que haja transformação, espaço por excelência da pesquisa, da experimentação e do aprendizado.

Trabalha os mesmos conceitos discutidos por Martino, porém do ponto de vista da prática e pesquisa em jornalismo, da história sociopolítica do Brasil. Polemiza a hierarquização dos saberes – arte, ciência, religiões, salientando que a racionalidade pode se tornar dogmática, limitando os saberes, quando não se deixar infiltrar, impregnar pela sensibilidade artística ou pela inquietude do mistério da transcendência. Medina diverge de Martino em relação ao tema da comunicação. Para ela, a problemática central é a contemporaneidade, que inclui atualidade, passado e futuro.

Na “conversa com os autores” da segunda parte, Medina retoma as reflexões sobre a docência em comunicação, saindo do espaço discursivo para o pragmático, contribuindo para o conjunto dos textos apresentado a partir do confronto de ideias e interpretações. Um desses momentos de confronto, por exemplo, é o posicionamento diferenciado de Martino em relação à interdisciplinaridade. Para ele, “o pensamento que comparece [às discussões sobre interdisciplinaridade] é uma caricatura da ciência. Quando se fala em ‘crise da ciência’, se compreende muito mal o que é ciência” (p. 111). Martino insiste no termo “atualidade”, ampliando até para “atualidade midiática”, conceituação segundo a qual certos fatos só existem a partir do midiático. Para Medina, entretanto, o fazer da ciência teria como princípio a “realidade”, que no processo de produção de conhecimento é transformada em narrativa.

Na segunda parte do livro, os líderes dos novos grupos de pesquisa falam de suas propostas.

Laan Mendes de Barros comenta a estruturação do grupo de pesquisa “Cultura das mídias e mediações culturais”, seus princípios teóricos e epistemológicos e caminhos temáticos, discorrendo sobre o contexto contemporâneo da cultura das mídias.

José Eugênio de O. Menezes apresenta a ementa e os fundamentos teóricos e epistemológicos do grupo de pesquisa “Comunicação e cultura do ouvir”, que reúne pesquisadores do Programa de Pós-Graduação da Cásper Líbero interessados em compreender a importância do ouvir e dos meios sonoros no contexto das mudanças culturais, presentes nas práticas de Comunicação na Contemporaneidade (p. 153). Menezes discorre sobre Comunicação e Cultura, entendidas como parte dos processos de vinculação que possibilitam a vida em sociedade, tendo o corpo como instância fundante de todos os processos de vinculação (p. 157).

Dimas A. Kunsch, falando do grupo “Teoria compreensiva da comunicação”, discorre, a partir de Francis Bacon, sobre as raízes da compreensão e seus significados, no universo cartesiano, levando-nos a refletir sobre os sentidos do saber e do conhecimento, fechando a obra com intrigante “considerações iniciais”, explicitando as posturas teórico-epistemológicas dos grupos representados nos textos.

Ainda que apresentado como uma memória do seminário, esse livro nos convida a parar e pensar sobre o estatuto do conhecimento comunicacional, uma tarefa complexa, pelas variáveis relacionadas e pelas polêmicas envolvidas, mas que é levada a contento nessa obra. Transformados em livro, os debates apresentados constituem um texto orientador, à medida que o avanço das discussões em torno dos contornos do campo da comunicação, seus fundamentos e interfaces dependa de maior reflexão e ponderação acerca dos questionamentos comumente levantados nas ocasiões de encontro e confronto presenciais.